

LEITURA E MEMÓRIA: MONTEIRO LOBATO NA TRADIÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA

BRITO, Tarsilla Couto de

RESUMO: Por meio da memória de leitura de alguns escritores é possível perceber um dos modos pelo qual se instaura um sistema literário. Com objetivo de desenvolver uma reflexão que abarque tanto as propriedades psíquicas e sociais externas à literatura quanto as características internas a ela, nos moldes propostos por Antonio Candido na introdução de sua *Formação* (1993), escolhemos como objetos de estudo três textos autobiográficos de autores canonizados na tradição brasileira que revelam a “influência” de Monteiro Lobato em seus trabalhos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; memória; sistema literário; Monteiro Lobato

ABSTRACT: The writers' memory of reading may shows us one of the ways by which a literary system is established . This text aims to develop a discussion covering both the social and psychological properties of literature, besides his intrinsic characteristics, in the way proposed by Antonio Candido in the introduction of its *Formação* (1993), choosing as objects of study three autobiographical texts written by canonized authors in the Brazilian tradition to show the “influence” of Monteiro Lobato in their literary works.

KEYWORDS: Reading; memory; literary system; Monteiro Lobato

*Sem a intervenção da arte é impossível transmitir
aos posteriores a sensação exata do que se passou.
Só a arte sabe perpetuar o que foi a vida.*

Monteiro Lobato in: *A onda verde*

O presente ensaio busca avaliar um dos modos pelo qual Monteiro Lobato foi incorporado ao sistema literário brasileiro do século XX, tornando-se, assim, nome de nossa tradição intelectual. Marisa Lajolo, ao averiguar a importância da leitura para a noção de sistema definida por Antonio Candido, afirma:

Em decorrência de aceitar-se a noção de sistema literário como condicionante da literariedade de um texto, a literatura passa a ser concebida como uma determinada categoria de textos que se tornam literários pela legitimação que recebem do sistema pelo qual circulam (LAJOLO, 2001, p. 2-“A leitura na *Formação da literatura brasileira*” - inédito).

Sabemos que há várias formas de legitimação de um texto literário: o reconhecimento da crítica por meio de resenhas e interpretações; a influência de procedimentos estilísticos, temáticos e imagéticos em outros autores; bem como dados externos à atividade propriamente literária, por exemplo, aqueles apontados por Lajolo no estudo supracitado – a presença do livro no mercado editorial e sua circulação nas mais diferentes instituições, etc. Mas sabemos também que a tradição é algo que se constrói e se reconstrói permanentemente de acordo com o sentido histórico de cada grupo, ou seja, sua capacidade de lembrar, o que escolhe lembrar, o que deseja cultivar.

Na tentativa de desenvolver uma reflexão que abarque tanto as propriedades psíquica e social externas à literatura quanto as características internas a ela, nos moldes propostos por Antonio Candido na introdução de sua *Formação* (1993), escolhemos como objeto de estudo o gênero biografia. Mais especificamente três textos autobiográficos que, num primeiro momento, chamam a atenção pela poetização das reminiscências literárias de cada “personagem-narrador”, consagrando Monteiro Lobato como portal de entrada para o mundo das letras; e, num segundo momento, revelam as circunstâncias de leitura, recepção e “influência” da obra lobatiana.

Dentre tantos álbuns de memórias que remetem ao criador do Sítio do Picapau Amarelo, (Brito Broca, Mário da Silva Brito, Lya Luft, Sylvia Orthof, Rachel de Queirós, Roberto Pompeu de Toledo e João Ubaldo Ribeiro, para citar alguns nomes pesquisados), elegemos os textos de José Paulo Paes (*Quem, eu? Um poeta como outro qualquer*, 1996), Ana Maria Machado (*Esta força estranha: trajetória de uma autora*, 1996) e a crônica jornalística de Clarice Lispector (“O primeiro livro de cada uma de minhas vidas” in: *A descoberta do mundo*, 1984) que consideramos uma forma de depoimento autobiográfico.

Nossos escolhidos nasceram na primeira metade do século XX – em ordem crescente, Clarice Lispector em 1920, José Paulo Paes em 1926 e Ana Maria Machado em 1942. As autobiografias de Paes e Machado foram publicadas em 1996 pela mesma editora, a Atual, que mantinha uma coleção intitulada “Passando a limpo”, direcionada especificamente a leitores em formação. Nessa coleção, escritores brasileiros contam como foram atraídos pela literatura, como escreveram os primeiros poemas e desenvolveram seu senso de autocrítica. Já o texto de Clarice, que aparece originalmente em 1973

no *Jornal do Brasil*, saiu em livro no ano de 1984. Ou seja: nas últimas duas décadas do século passado, Monteiro Lobato foi confessadamente reconhecido como referência de literatura infantil para três de nossos grandes escritores.

Como foi sugerido inicialmente, o pressuposto teórico que orientará nosso trabalho é a concepção de sistema literário de Antonio Candido e a noção de leitura dela abstraída por Marisa Lajolo. Desse modo, temos, de um lado, a afirmação de que literatura

[...] propriamente dita, [é] considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominações comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes dominantes são além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (CANDIDO, 1993, v.I, p. 23).

De outro, temos a interpretação e o desdobramento dessa teoria, que diz:

É nesta perspectiva de um processo formativo, isto é, de um encorpamento progressivo da literatura brasileira, que se pode refletir sobre a importância da leitura nos estudos literários. A reflexão começa assinalando que a tradição nos estudos literários com muita facilidade apaga até mesmo a simples necessidade de um tipo específico de leitura para a instauração da interação básica entre quem escreve um livro, e quem lê este livro. O resultado deste apagamento é a perda de concretude, de objetividade e de historicidade daquilo de que se fala quando se fala de literatura. Só muito recentemente o leitor por um longo tempo exilado dos estudos literários reingressa na área, trazendo consigo a leitura (LAJOLO, op. cit., p. 3).

De acordo com essa teoria, Monteiro Lobato faria parte de um sistema literário consolidado; sua produção estaria, assim, organicamente associada à vida cultural e social de nosso país² mesmo antes de sua morte. Interessa-nos, no entanto, avaliar a importância, não apenas da leitura de Lobato, mas da assunção e manifestação dessa leitura de modo a perpetuá-la. O que teria levado esses três autores a nomear Lobato como leitura de suas infâncias? Como artistas da linguagem, tinham plena consciência do poder da palavra e da influência de um livro sobre a vida de qualquer leitor mais interessado. Fazemos nossa a pergunta de Eliana Yunes em *Presença de Monteiro Lobato* (1982): "seria mero acaso que os escritores de hoje tenham sido os leitores de Lobato?" (p. 91).

Sob esse ponto de vista, podemos afirmar que a citação de uma personalidade literária atualiza toda uma literatura, reforçando e/ou destruindo mitos, construindo, portanto, a tradição à qual o público recorrerá conforme interesses diversos. Além disso, esse mesmo público tem a chance de descobrir o lado leitor de seu escritor. Cria-se, com isso, uma relação de identidade que influenciará futuras leituras, paixões, aquisições.

No que diz respeito a Clarice Lispector, ela não nos diz porque *Reinações de narizinho* foi a grande paixão de sua “segunda vida”. Ficamos sabendo apenas como essa paixão se realizou – num jogo de “querer e não poder”, “poder e não consumir a posse” que Nádia Gotlib, autora de *Clarice: Uma vida que se conta*, analisou como rito de passagem (1995, p. 107). Tal fato tornou-se o eixo dramático do conto *Felicidade clandestina*, e foi registrado na crônica de 24 de fevereiro de 1973:

Tive várias vidas. Em outra de minhas vidas, o meu livro sagrado foi emprestado porque era muito caro: *Reinações de Narizinho*. Já contei o sacrifício de humilhações e perseveranças pelo qual passei, pois, já pronta para ler Monteiro Lobato, o livro grosso pertencia a uma menina cujo pai era dono de livraria. A menina gorda e muito sardenta se vingava tornando-se sádica e, ao descobrir o que valeria para mim ler aquele livro, fez um jogo de “amanhã venha em casa que eu empresto”. Quando eu ia, com o coração literalmente batendo de alegria, ela me dizia: “Hoje não posso emprestar, venha amanhã”. Depois de cerca de um mês de venha amanhã, o que eu, embora altiva que era, recebia com humildade para que a menina não me cortasse de vez a esperança, a mãe daquele primeiro monstinho de minha vida notou o que se passava e, um pouco horrorizada com a própria filha, deu-lhe ordens para que naquele mesmo momento me fosse emprestado o livro. Não o li de uma vez: li aos poucos, algumas páginas de cada vez para não gastar. Acho que foi o livro que me deu mais alegria naquela vida (1984, p. 722).

A reiterada lembrança de Lobato – há ainda uma crônica de 1968 em que a autora afirma não deixar de lê-lo –, no ato da escrita, para além de influenciar pessoas, é, antes de tudo, uma expressão do senso de continuidade próprio de um escritor-leitor, definido por Antonio Candido como fundamento histórico da tradição. Sem esquecer que se trata de um discurso literariamente intencionado, (uma voz que subjaz a narrativa parece afirmar – “eu também sou escritora como Lobato!”), a narração de um fato biográfico surge como a possibilidade de corrigir o passado e reordená-lo em função do presente. Segundo Harold Bloom³, em seu *Cânone Ocidental* (s.d.), “os escritores fortes não escolhem seus precursores, são escolhidos por eles, mas têm a inteligência de transformar os antepassados em seres compósitos, e portanto, em parte, imaginários” (p. 20). No depoimento de Clarice a leitura de Monteiro Lobato é motivo principal – além dela

(Clarice menina) e das coadjuvantes, o Livro surge como um “personagem” de sua história – quanto mais ela esteja poetizada como em *Felicidade clandestina*.

Dado o caráter pedagógico da coleção “Passando a limpo”, que reúne as biografias de Paes e Machado, a poesia da recordação está amenizada pelo tom de “conversa descontraída” que se estabelece entre o autor e seu interlocutor virtual. De qualquer forma, o discurso memorialista possui manifestações diferentes e, assim, a ficção não está totalmente excluída desses textos. Os autores, se assumindo como criadores de literatura para crianças reiteram a importância de Lobato para a fundação e formação dessa tradição.

José Paulo Paes, por exemplo, começa sua narrativa realçando o fato de ter nascido dentro de uma livraria, a “Livraria, Papelaria e Tipografia J. V. Guimarães” que pertencia a seu avô, em Taquaritinga pelos idos de 1926. Descrevendo suas primeiras impressões da escrita, o “personagem-narrador” tenta resgatar e construir, a partir da criança ouvinte de histórias, a sua própria história:

A leitura era um hábito cultivado por quase todos em casa de meu avô. Nós, crianças, tínhamos inveja dos adultos que conseguiam se distrair tanto tempo com aqueles risquinhos de tinta preta no branco da página e nos sentíamos inferiorizados por não entender nada do que significavam. Tal sentimento de inferioridade era um estímulo natural para o aprendizado das primeiras letras. [...] Eu comecei a minha até hoje ininterrupta carreira de leitor pelas histórias de fadas, bruxas e gigantes narradas por *Perrault, Grimm, Andersen* e outros clássicos da infância. Li-as nas adaptações dos livrinhos da série “Encanto e Verdade”, dirigida por Tales de Andrade. De Renato Sêneca Fleury conheci, pouco depois, *As férias no Pontal*, cujo enredo eram as aventuras de um grupo de crianças numa fazenda do interior. Mas descritas com uma graça tal que, embora elas nada tivessem de extraordinário, lhes dava o mesmo interesse das histórias de fadas. A descoberta de que a aventura podia surgir de repente na vida prosaica de todos os dias foi decisiva para mim. Tornei a ver isso confirmado com mão de mestre nos volumes da saga do Sítio do Picapau Amarelo criada pela imaginação de Monteiro Lobato. As histórias inventadas por esse gênio da nossa literatura infanto-juvenil se passavam, todas, num espaço bem brasileiro, e seus personagens Narizinho, Pedrinho, D. Benta, tia Nastácia falavam e se comportavam como nós, crianças, e como os adultos de nossa própria família. Até os personagens fantásticos dos livros de Monteiro Lobato a boneca falante Emília e o não menos falante sabugo de milho Visconde de Sabugosa eram tipicamente brasileiros e conversavam de igual para igual com os personagens estrangeiros do reino das fadas ou da mitologia. E o mais importante de tudo: as façanhas do Sítio do Picapau Amarelo

vinham temperadas de colorido, emoção e, sobretudo, humor. Com Monteiro Lobato aprendi que é pelo trampolim do riso, não pela lição de moral, que se chega ao coração das crianças. Até lá procuraria eu chegar, muitos anos depois, com as brincadeiras de palavras de meus poemas infantis (PAES, 1996, p. 14).

Apesar da extensa citação é interessante observar que José Paulo Paes estabelece não apenas o seu cânone de literatura infantil, mas demonstra a própria história de literatura infantil brasileira: primeiro, reúne as principais obras estrangeiras que figuram na história da literatura infantil no momento que antecede sua formação como sistema⁴. As histórias de *Perrault*, *Grimm* e *Andersen* chegaram às crianças brasileiras, na transição do século XIX para o XX, por meio de traduções e adaptações portuguesas. Com Monteiro Lobato, essas histórias perdem o “bolor”, ganhando, de acordo com o poeta, no último parágrafo, em brasilidade e expressão. Em suas memórias literárias, Paes delimita, de modo mais explícito que Clarice Lispector, sua identificação com o autor do Sítio e como sua obra teria ensinado a brincar com as palavras e alcançar o coração das crianças por meio de uma criação “feliz”. Tendo se tornado escritor de poesia infantil, Paes não apenas elaborou um cânone, mas inscreveu-se a si mesmo como nome a ser confirmado, por meio da leitura e da memória, nessa tradição de escrever livros “para crianças (e adultos inteligentes)”.

Distante de Clarice e Paes pelo menos vinte anos, a presença de Monteiro Lobato na trajetória de Ana Maria Machado não é menos contundente. Em sua narração, a autora de *A bolsa amarela* remete-se às aventuras de Emília & cia. também na adolescência. E, além disso, as relações que vivenciou literariamente, no mundo imaginário do Sítio, passaram a servir de parâmetro para as experiências reais, como podemos perceber no registro das lembranças de seu avô. Antes de poder ler sozinha, a menina Ana ouviu muitas histórias. Nascida num ambiente letrado e intelectual, aprendeu a ler antes mesmo da alfabetização. Por tal façanha, ganhou *Reinações de Narizinho*. Segundo ela, a partir desse momento, estava sempre

[...] muito interessada em descobrir se em Manguinhos [praia próxima a Vitória onde a família costumava passar férias] não haveria um jeito de entrar no reino das Águas Claras, e queria saber quem era Tom Mix [...] não esqueço do livro, da sensação de pegar um pão quentinho e cheiroso, com manteiga derretendo, e ir deitar na rede ou sentar de través na poltrona, com o livro na mão, o coração batendo forte, assustada porque Dona Benta estava correndo perigo, sentada no pé do pássaro Roca [...] (1996, p. 17-18).

As lembranças de leitura da escritora são mais específicas, enumera episódios das *Reinações*, recupera os costumes que acompanhavam esses momentos, o lugar preferido de vivê-los. Ao serem elaboradas literariamente, essas lembranças

ças são recortadas por um discurso crítico que lhes realça a concretude. Como afirmou Bloom, “a arte da memória [...] é em grande parte uma questão de lugares imaginários, ou de lugares reais transmutados em imagens visuais” (s.d., p. 45). Tais imagens, expressão da memória de leituras e da leitura dessas memórias, registram o processo de seleção cultural que a fez eleger um determinado imaginário literário dentre outros. Por fim, Ana Maria Machado consagra, com todas as palavras, Monteiro Lobato como autor de sua infância.

Outro aspecto interessante nessa biografia é o fato de que essa autora foi leitora tanto de Lobato quanto de Clarice. Conheceu *Reinações de Narzinho* bem como *Felicidade clandestina*, título que aproveita, ao narrar sua vida para nomear o capítulo sobre sua juventude. Se a autobiografia é caracterizada pela re-construção de uma identidade, no presente ensaio, tratando de escritores-leitores que reconhecem certos nomes do passado como precursores, essa característica é reforçada pelo delineamento de uma identidade não apenas pessoal como também social. Instaura-se, assim, uma sociabilidade literária fundamental tanto para o auto-reconhecimento do narrador-personagem como escritor quanto para o estabelecimento de suas relações com outros escritores, estejam eles mortos (nesse caso, trata-se de tradição) ou vivos (contribuindo para a manutenção do sistema literário). Vejamos o que diz Marisa Lajolo sobre isso:

No ensaio em que se ocupa da Arcádia Ultramarina, Antonio Candido começa por elencar alguns dos diversos componentes de um sistema literário, destacando entre eles a sociabilidade que se instaura entre os escritores e os intelectuais em geral. Esta sociabilidade, para o crítico, constitui a base da vida literária e se configura como uma espécie de rede de relacionamentos interpessoais nos quais há espaço para influência, para a polêmica, para o partilhamento de posições estéticas [...] (op. cit., p. 12).

O intuito de aproximar-se da imagem de um escritor como Monteiro Lobato, presente em todos os textos analisados, sugere muito mais uma interpretação do passado do que sua vivência. Interpretação que aponta para o futuro, o futuro de cada um desses autores e, principalmente, o futuro de Lobato na história da literatura brasileira. Vemos, com isso, a arte da memória servindo à prospecção da cultura, constituindo o que Antonio Candido chamou de tradição

[...] no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno da civilização (1993, vl, p. 24).

Responsável pela criação de um mundo infantil tipicamente brasileiro, tão organicamente relacionado com a nossa realidade que se torna impossível não associá-lo à infância, seja ela leitora ou telespectadora (a partir da década de 70) do Sítio do Picapau Amarelo, Lobato despertou a manifestação alheia, influenciando toda a produção de literatura infantil que o seguiu, bem como leitores vorazes que foram do Sítio para o Rio de Janeiro de Machado de Assis, para a Paris de Balzac, para a Dublin de Joyce e até mesmo os mais simples leitores que apenas passaram pela escola e ali o conheceram muito formalmente.

Destacamos as biografias de três ilustres leitores que se tornaram escritores. Mas existem muitos outros tão importantes quanto José Paulo Paes, Ana Maria Machado e Clarice Lispector para que Monteiro Lobato continue sendo lido. São professores, alunos e amantes da literatura como podemos perceber nos depoimentos registrados nos trabalhos de Fernando Marques do Vale (*A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*, 1994), Carmem Lúcia de Azevedo (*Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, 1997) e Roberto Penteadó (*Os filhos de Lobato*, 1997) – leituras de apoio que nos ajudaram a refletir sobre a presença de Lobato no sistema literário brasileiro do século XX. Um sistema maduro porque é capaz de realizar auto-referências como aquela produzida por Clarice em *Felicidade Clandestina* e capaz também de assimilar e desenvolver conquistas estilísticas como fez Paes em seus poemas infantis.

NOTAS

- ¹ Aluna bolsista do CNPQ do programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do IEL-Unicamp (nível doutorado). tarsillacouto@hotmail.com.
- ² Cf. “Os anõezinhos fora do lugar” de Marisa Lajolo.
- ³ Justificamos de antemão a presença de Harold Bloom, um crítico contumaz dos estudos históricos, culturalistas e ideológicos ao lado de Antonio Candido, cujos pressupostos teóricos foram explicitados. Acreditamos que, de alguma maneira, seus pensamentos se aproximam no que diz respeito a constituição do cânone para o primeiro e a formação da tradição para o segundo. Ambos ressaltam a importância do estético (valorando-o cada um a seu modo) e reconhecem o status de leitor na figura do escritor, uma vez que o discurso-crítico manifestado na citação ou não-citação de determinados autores por parte de outros é uma das condições essenciais à existência da literatura.
- ⁴ Cf. *Literatura infantil brasileira: história e histórias* de Marisa Lajolo e Regina Zilberman.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. L. de, (org.) *Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.

BLOOM, H. *O cânone ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, s.d.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. 2 v.

CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955.

LAJOLO, M. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

_____. "A leitura na *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido". Texto inédito apresentado no *Seminário Internacional sobre História e literatura: homenagem a Antonio Candido* organizado pelo Centro Coordenador y difusor de Estudios Latinoamericanos da Universidad Nacional Autónoma de México em 21/05/2001.

_____. "Os anõezinhos fora do lugar". Texto apresentado com palestra de encerramento do seminário *Leitura e desenvolvimento social* organizado pela PUCRS, UFRGS e Instituto Marc Chagall em Porto Alegre em 02/07/1998.

LISPECTOR, C. "O primeiro livro de cada uma de minhas vidas" in: *A descoberta do mundo*. Nova Fronteira, 1984.

LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MACHADO, A. M. *Esta força estranha: trajetória de uma autora*. São Paulo: Atual, 1996.

PAES, J. P. *Quem, eu? Um poeta como outro qualquer*. São Paulo: Atual, 1996.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/ Dunya, 1997.

VALE, F. M. *A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*. Portugal: Mundo editora, 1994.

YUNES, E. *Presença de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Divulgação e pesquisa, 1982.

Texto recebido em: 03.08.2009

Aprovado para publicação em: 10.10.2009